

E' este o trecho; de toda a poesia escolhi estas dez quadrinhas delicadissimas; as que precedem e as que seguem podem bem ser excluidas; não são tão valentes.

Nos transcriptos estão bem retratados o talento e o pezar do poeta proletario e soffredor, que viu seu pai e seu irmão assassinados, sua irmã louca e morta.

Ahi está o homem ainda crente e meio phantastico; ahi está o delirio do romantismo; mas o delirio sincero; crenças e duvidas travam-se n'alma do poeta.

A terceira poesia são os versos por Tobias Barreto gravados no tumulo de D. Hermina de Araujo, mulher do Dr. Altino de Araujo.

Perogrino pela belleza e pelas virtudes, morreu esta creatura celeste aos dezoito annos, deixando um filhinho.

A ologia é assim:

«Teve a morte de uma santa,
Tendo a vida de uma flor!...
Eis aqui o que eu quizera
Que me explicasséis, Senhor:—

Para provar que não somos
Todos mais que sombra e pó,
Será mister morrer moça,
Deixando o filhinho só!...

Vos sabeis que ha só no mundo
Um ente que nos quer bem,
E' nossa mãe,—ella morre,
E o orphão grita... por quem!..

Ora, Senhor!... perdoai-me,
Não comprehendo isto assim:—
Viver e morrer tão cedo,
Sem um mister, sem um fim;

Passar como uma aura leve,
Ou como um sonho de amor,
Ter a morte de uma santa,
Tendo a vida de uma flor!...»

Aqui ha desalento e rebeldia ao mesmo tempo; uma certa resignação cheia de amargos, a nullidade da vida esmagada pela cegueira estapida da morte.

Tudo sem declarações, sem dissertações e commentarios theoricos.

Sylvio Romero.

O DR. FRANCISCO DE MELLO FRANCO

A 7 de Setembro de 1757 nasceu o dr. Francisco de Mello Franco no então arraial e hoje cidade de Paracatú, sendo seus paes os honrados lavradores: João de Mello Franco e D. Anna Caldeira.

Mostrando, desde seus primeiros annos, notavel disposição para os estudos, foi por sua familia mandado para o Rio de Janeiro, onde cursou, no Seminario de S. Joaquim os preparatorios que se exigiam para a matricula na Universidade de Coimbra.

Para ahi seguiu em 1769, e, depois de aperfeiçoar-se nos estudos a que já se havia applicado, inscreveu-se nas Faculdades de Medicina e Philosophia.

O joven Mello Franco adquiriu para logo não só os fôros de excellento estudante, como os de poeta satyrico e repentista, pois que procurava suavisar fadigas das aulas com o doce cultivo das Mozas.

Em má hora se lembrou de tues distrações o talentoso mi-noiro!

Se as suas produções poeticas grangearam-lhe nomeada e admiradores entre seu condiscipulos e os proprios lentos, seus remoques e satyras, ou talvez a franqueza tão propria de sua idade, com que os publicava, adquirirão-lhe não poucos inimigos.

Nos carcereos da Inquisição expirou Francisco de Mello Franco tão *felos delictos*.

Ahi gemeu elle por espaço de quatro annos, porque o terrivel tribunal entendeu que uma de suas composições, que intitulo — *Reino da Estupidez* — (*) transpirava sentimentos de immoralidade e de irrelição, sentimentos que ella procurava abafar com a prisão, com os tractos e a fogueira.

(*) Deste poema disse o douto litterato portuguez sr. Theophilo Braga á pag. 241 dos seus notaveis — *Estudos da Edade Media* — : «O primeiro poema heroicomico depois do *Hynope* e' o *Reino da Estupidez*.
Uma coisa que faz lido este poema, e' o conhecimento das perseguições que soffreram os poetas a quem foi attribuido.

No seu poema, que dividiu em 4 Cantos, Mello Franco zargiu despiudadamente a ignorancia e o atraso da maior parte dos lentes da Universidade de Coimbra, que já então passara pela memoravel reforma do Marquez de Pombal.

E' uma satyra mordaz, e por vezes espirituosa e cruel.

O *Reino da Estupidez* não é uma dessas composições, que por si só fazem a reputação de seu auctor, revela, porém, felizes disposições poeticas e contem não poucos trechos dignos de menção.

A descripção de Coimbra, por exemplo, com que começa o 3.º Canto, encerra bellezas notaveis.

O verso que é ás vezes em alguns trechos do poema duro e prosaico corre ali suave e elegante.

El-a :

Do fertil Portugal quasi no centro
A vistosa Coimbra está fundada ;
Pelo cume soberbo de alto monte
E pelas fraldas que o poente avistão,
Vae-se ao longo estendendo, ate' que chega
A beber do Mondego as mansas aguas.
De frente outra montanha senhoreia
A liquida corrente dividida,
De longa ponte pelos grossos arcos.
Apraziveis campinas, fertéis valles,
Do chrystallino rio retalhados
Em torno a cercão, aos habitantes dando
Os mais bellos passeios do Universo.
Da fronteira montanha, que dominão
Dous formosos conventos se desfructa
A linda perspectiva da cidade,
Que tem tanto de bella, quanto e' dentro
Immunda, irregular e mal calçada ;
A terra e' pobre, o' falta de commercio ;
O povo habitador e' gente infame,
Avarenta, sem fe', sem probidade.
Inimiga cruel dos estudantes,
Mas amiga de suas pobres bolsas.
Aqui de muito tempo está fundada
A nobre academia luzitana.

Ate' o circumspecto Ribeiro dos Santos não escapou ás suspeitas.
Em 1785 empenhavam-se aquelles que tinham sido victimas da acrimonia da verrina, em olhar em quem vingar o seu orgulho.
Foi então que sahio a lume o poemeto o *Zelo* pelo pseudonymo (!) Patricio Prudente Calado contra Jose' Bonifacio de Andrada e Francisco de Mello Franco, verdadeiro auctor do *Reino da Estupidez*.

E' este o poema que mais se presta para um ensaio de critica.

No mesmo canto o discurso do lente de Theologia, que se revolta contra as novas aulas creadas na Universidade pelo Marquez de Pombal, é inexecedível de graça e de espirito.

Assim exclama o illustre professor :

Entraes, pois, companheiros, em vós mesmos ;
Ponderae sem paixão para que serve
As pestanas queimar sobre os auctores,
A estimavel saude arruinanda !...
Para levar este tempo em bom socego,
Divertir e passar alegremente
Acaso, precisaes de mais sciencia !...
.....

De que podem servir estes estudos
Que mais da moda se cultiva hoje !
A barbara *Geometria* tão gabada,
Que mil proposições todas hereticas
Assim faz ensinar publicamente,
Sabeis para que presta neste mundo !
Diga-o a Inquisição e mais não digo.
.....

Historias naturaes, Phoronomias,
Chimicas, Anatomias, e outros nomes
Difficéis de reter—são as sciencias
Que vierão trazer os estrangeiros.
Ha cousa mais cruel, mais deshumana,
Mais contraria á razão, que ver os medicos
Um cadaver humano espatifando,
Um corpo que habitou o Espirito Santo !
Nunca tal praticaste, ó bom Lopez,
Quando pelo natal em um carneiro
O hofe, o coração, as tripas todas
A teus habeis discipulos mostravas !...

Citamos agora alguns trechos que contra o joven Mineiro provocarão a colera do Santo-Officio.

No conciliabulo das furias, descripto no canto 2.º, diz a Hypocrisia :

..... um gordo bispo
Que na corte se achava com licença
Vinha todo de seda e do pescoço
Uma cruz lhe pendia cravejada
De lucidas saphiras, de brilhantes,
O magistral anel cegava os olhos
E pouco menos as fivellas d'ouro.
E austero censor ficou pasmado
A mirar o prelado passeiando.

Depois com vozes de azedume cheias
 Para os outros se volta, assim dizendo :
 «O' costumes ! O' tempos primitivos !
 Tempos em que o pastor só differia
 De seu rebanho pelas sãs virtudes,
 Pela vida exemplar com que os guiava !
 Quem o Santo Evangelho lê attento,
 Do Supremo Pastor quem le a vida,
 A' presença de um bispo petimetre
 Como pode levar a paciencia ?
 Se o venerando apostolo das gentes
 Aqui apparecesse, querería
 Por companheiro ter um homem destes !
 O grande Paulo, que o enrugado rosto
 Todos os dias de suor banhava
 E para não servir jamais de pezo
 A' seus caros irmãos, antes escolhe
 Ganhar escasso pão com seo trabalho !
 —Santa Religião—tempos ditosos !
 Ou tu não es a mesma, ou tens ministros,
 De pasturar o nome não merecem.

Tanto não era preciso para despertar o zelo evangelico daquelles *Santos varões*. até porque o poeta já havia dito no prologo de seu livro :

«Não receies, ó Poema, os claustros; ahí é que te prognostico os maiores desprezos; soffre com paciencia, que o teu fim é só fazer ver a verdade: affirma, pois, a esses homens que o teu auctor venera os seus santos instituidores, que só desejávão que aquelles que se prezão de ser seus filhos fossem vivas copias suas; porque então não chegarião a muitas duzias em Portugal.

Dizo-lhes que o que mais afflige é ver os que por voto devem ser pobres, humildes e castos, são os mais regalados, soberbos e libidinosos, a quem custa muito o cumprir os votos que fazem.»

E por bem feliz devia reputar-se o joven estudante, pobre e sem protecção, longe da patria e da familia, vendo-se livre e com os quatro annos de encerro naquelles medonhos carcerees, onde tantas vezes gemeu a innocencia, até sahir para frejurar nas horriveis *autor da fé*.

Nesta calamitosa quadra de sua vida, Francisco de Mello Franco praticou um acto que poz em relevo os nobres sentimentos de que era dotado, e que scube manter sempre em toda a sua pureza.

Foi chamada para depor contra elle uma senhora de sua amisade, e que a isso recusou-se, não obstante os esforços e ameaças que contra ella empregarão.

Tão nobre procedimento teve do Santo tribunal a devida recompensa.

Essa senhora foi condemnada a um anno de prizão. Mello Franco logo que se vio livre, provou a sua gratidão, desposand-a.

Durante sua prizão, compoz Mello Franco uma serie de canticos, que intitulou—*Noites sem somno*.

E' um genero de poezia inteiramente diverso do seu poema.

Alli só se encontra a mordacidade, a ironia e o burlesco.

Nas *Noites sem somno* predomina o desespero e o desanimo de que se via combatida a alma do joven poeta, encerrado entre as paredes de um carcere !

Sentimos não ter á mão para transcrever alguns trechos, essa riquissima colleção de poesias á qual não podemos fazer maior ologio do que dizendo que—enchia de admiração ao proprio Bocagé.

Pena foi, diz o auctor dos *Varões Illustrés*, que tão pouco produzisse esse ingenho poetico, que brindara a natureza com dotes tão selectos e primorosos.

Proseguindo em seus interrompidos estudos, gradnou-se em Medicina, sustentando sempre a honrosa reputação que adquirira; é falta de recursos para voltar ao Brazil, onerado já com o pezo de familia, vio-se obrigado a estabelecer-se em Lisboa.

Ahi luctou elle ao principio com grandes difficuldades pecuniarías; mas tendo realisado uma cura feliz na pessoa da Condessa de Obidos, que pertencia á primeira nobreza, e extensamente relacionada na Corte, veio em pouco tempo converter-se na mais commoda abastança a penuria em que vivera, adquirindo numerosa e importante clientela.

Ao passo que, assim, accumulava não pequena fortuna, Mello Franco subia tambem na estima e consideração publica, e chegou a travar relações de estreita amisade com alguns dos maiores personagens da epocha.

Foi por influencia desses amigos acceito como membro effectivo da importante e illustrada Academia Real de Sciencias de Lisboa, na qual chegou a occupar o cargo de vice-presidente.

Em 1799 concorreu effieazmente para a fundação da Academia de Geographia que tinha por fim espalhar e desenvolver os conhecimentos geographicos, então ainda muito em atrazo no Reino.

Posteriormente foi honrado com a nomeação de medico honorario do principe real D. João, de quem recebeu inequivocas provas de estima e consideração.

Na posse de uma reputação brilhante, e gozando de todos os commodos da vida rezidio Mello Franco em Lisboa até 1817, anno em que foi nomeado medico da Snra. D. Maria Leopoldina, depois primeira imperatriz do Brazil, vio-se forçado a dispor de tudo quanto possuia, sfim de seguir para a Italia e d'ahi acompanhar ao Rio a despojada do então príncipe real D. Pedro.

No Rio de Janeiro, onde continuou a exercer com honra a medicina, abandonou-o a fortuna, que tanto o basejava na Capital do Reino.

Abraçando com entusiasmo as idéas de independência, que já durante os últimos annos da estada de D. João 6.º começavam a grasar, incorreu no desagrado d'El-Rei, que aliás muito se havia ressentido pelo indifferentismo que mostrava em Lisboa, durante a occupação Francesa.

Foi despedido do Paço e o profundo pesar que isso causou-lhe, mais se aggravou d'a hi a pouco tempo com a quebra do negociante a quem confiou toda a sua fortuna, vendo-se assim reduzido á pobreza quando já não lhe sobravão forças para trabalhar.

Uma perigosa enfermidade, consequencia talvez desses padecimentos moraes, prostrou-o no leito.

Logo que lhe foi possível intentar uma viagem, seguiu para a cidade de S. Paulo, com a esperanza de restabelecer-se naquello clima tão ameno e tão saudavel.

Mello Franco, porém, estava irremissivelmente perdido.

A sua enfermidade, longe de declinar, apresentava de dia em dia symptoms mais assustadores, o que determinou-o a voltar para o Rio de Janeiro.

Não chegou a ver o termo de sua viagem, porque aos 22 de julho de 1823 entregou a alma ao Creador, na villa de Ubatuba, aos 56 annos de idade incompletos.

Mello Franco compoz tambem algumas obras relativas á sua profissão, e que confirmam a sua reputação de grande medico.

Entre ellas figurão o tractado sobre as *Febres Intermitentes no Rio de Janeiro*, impresso em Lisboa; um outro sobre a Hygiene, que, na opinião dos profissionais, ainda hoje pode ser lido com grande vantagem, e finalmente um ensaio sobre *Educação phísica* das creanças, de igual merecimento.

És desenhada em ligeiros traços a historia desse distincto Mineiro, sobre cuja fronte fulgura a triplice aureola da virtude, do talento e do saber.

Assim, e sob o modestissimo titulo de *traços biographicos*, um distincto cultor das nossas lettras, recordando nobremente os nomes de alguns filhos desta Provincia, que merecem figurar na galeria dos *homens illustres do Brazil*, rendeu a devida homenagem ao nosso tão justamente festejado, celebre e illustre conterraneo. (1)

(1) «Progressista de Minas» ns. de 17 e 24 de Julho de 1863.

Encontrando já desenhado e tão magistralmente colorido o retrato do illustre Mineiro, Dr. Francisco de Mello Franco, designamos-lhe honroso lugar em nossa galeria, pedindo venia ao seo illustrado photographo.

No seu Curso Elementar de Litteratura Nacional (Lição 34.ª, pag. 383, not. 1) o Sr. Conego Dr. Fernandes Pinheiro fallando do Poemeto *Reino da Estupidez*:

«Este poemeto heroi-comico foi devido ao genio sarcastico dos doutores José Bonifacio e Mello Franco, que souberam tão bem guardar o anonymo, que as iras dos lentes offendidos voltaram-se antes contra dois dos seus mais graves collegas: *Ricardo Raymundo Ferreira e Antonio Ribeiro dos Santos* e que por essa causa soffreram perseguições.

Este poemeto pela primeira vez publicado em Pará em 1819, tem tido mais trez edições, sendo a ultima a de 1834 incorporada a dos *Satiricos Portuguezes*.

Escreveram a cerca do neseo illustre conterraneo, alem dos citados Srs. dr. Pereira da Silva, F. Pinheiro, o actual Sr. Barão de Porto Seguro, F. A. de Varrhagem na introdução do seo *Florilegio*, general Abreu e Lima, *Bosquejo historico, politico e litterario do Brazil*; e o Cons. Dr. José Pereira Rego no seo interessante *Esboço Historico das Epidemias que têm reinado na Corte* publicado tambem no *Jornal do Commercio* ns. dos mezes de Fev., Março e Abril de 1872.

Pelos annos de 1829 a 1830, inaugurada no Rio de Janeiro a Sociedade de Medicina, ahí pela primeira vez e, como as formas academicas, leu o Sr. Senador Jobim o elogio historico do Dr. Mello Franco, do habil medico, companheiro e amigo particular de José Bonifacio de Andrada.

(M. d'A Porto Alegre disc. a pag. 149 do Supplem. a *Rev. Trím.* do Instituto Hist. Tom. 19.)

D'esse Elogio Historico lido pelo Dr. J. M. da C. Jobim foi compendiada a biographia do nosso Dr. F. de Mello Franco que se lê a pag. 345 da *Revista Trimensal* — Tomo 5.º